

LITERATURA CONTEMPORÂNEA E MÍDIA: A VIOLÊNCIA EM UMA SOCIEDADE DO TERROR

**Fernanda Motter¹
Rafael Ricardo de Oliveira²**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a aproximação da Literatura Contemporânea com a Comunicação a partir do livro *Sul* de Veronica Stigger (2016). Por meio de capas de revistas fictícias criadas pela ONG *Catapult*, que circularam pelo espaço digital e evidenciam as diversas formas de violência pelas quais mulheres por todo o mundo são submetidas, buscou-se ressaltar que a Literatura, a Linguística e a Comunicação preocupam-se com esse problema social. Para isso, utilizou-se o aporte teórico de Giorgio Agamben (2012; 2013), Stuart Hall (2005; 2016) e outros estudiosos das Letras, da Comunicação e de questões relacionadas à violência contra a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Comunicação; Violência contra a mulher; Espaço digital; Legislação.

CONTEMPORARY LITERATURE AND MEDIA: VIOLENCE IN A TERROR SOCIETY

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the approach of Contemporary Literature to Communication from the book *South* of Veronica Stigger (2016). Through fictitious magazines covers created by the NGO *Catapult*, which circulated across the digital space and show the different forms of violence to which women all over the world are subjected, it was sought to emphasize that Literature, Linguistics and Communication are concerned with this social problem. For this, we used the theoretical contribution of Giorgio Agamben (2012; 2013), Stuart Hall (2005; 2016) and other scholars of Letters, Communication and issues related to violence against women.

KEYWORDS: Literature; Communication; Violence against women; Digital space; Legislation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade contemporânea caracteriza-se pela mediação da comunicação, que passa a interferir nas relações intersubjetivas e intergrupais. Assim, pela ação sistemática das novas tecnologias de processamento e difusão de informações se modificam as formas de percepção, inteligibilidade e representação da realidade dos indivíduos.

¹ Jornalista e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: fernandamotter1@hotmail.com.

² Graduado em Direito e Publicidade e Propaganda, atualmente é mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: rafaelriol@hotmail.com.

Já a literatura contemporânea abarca uma série de características das quais podem ser citadas a intertextualidade, a redução de fronteiras entre o popular e o erudito, estilos diversos de narrativas, preocupação com o presente, temas cotidianos, novas técnicas de escrita, etc. Ou seja, na literatura de hoje, é comum encontrar estilos e formas alternativas do fazer literário. Portanto, como ler essas obras? Ou, como ler a mudança pela qual a literatura passou? Segundo Natalia Brizuela (2014), obras chamadas de híbridas, onde textos, fotografias e ilustrações compartilham do mesmo espaço, ou seja, o livro, “[...] não precisam incluir imagens fotográficas para tornar presente o fotográfico no texto, levam a crítica a ter de pensar em novos termos” (BRIZUELA, 2014, p. 83).

Alguns estudos fazem reflexões a respeito da literatura como uma linguagem paralela a realidade. Porém, em muitos momentos, a literatura refaz os passos da sociedade. Esse é o caso do livro *Sul*, de Veronica Stigger (2016). Jornalista, professora e escritora contemporânea, publicou vários livros literários. Suas narrativas beiram ao absurdo, cômico, trágico e quase sempre se situam em ambientes violentos e sangrentos.

Nas sociedades de maneira geral, a violência faz parte do cotidiano das pessoas, principalmente em grandes centros. Desde os telejornais até as mídias sociais retratam diariamente um panorama sangrento das mais diversas barbáries cometidas por vários motivos ou sem propósito algum. São várias as causas dos altos índices de violência: desigualdade social, baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), economia frágil e suscetível a corrupção, altos índices de analfabetismo, os quais acabam por perpetuar a segregação social em questão. Nesse sentido, a literatura proporciona uma realidade dentro da ficção produzida por seus escritores. Assim, se a arte imita a vida, a violência tornou-se o carro chefe de várias produções contemporâneas, das quais os livros de Veronica Stigger fazem parte.

Em *Sul*, Veronica Stigger (2016) trabalha com o sangue, a violência e a tragédia em um âmbito ainda mais complexo: o da mulher, que desde sua infância até a fase adulta é segregada, até que passa a ser vista como “assexuada” com o fim de seu período fértil. Luiza Franco (2019) informa que em 2019, cerca de 1,6 milhões de mulheres foram espancadas e sofreram tentativas de estrangulamento no Brasil, de acordo com a matéria jornalística publicada pela BBC News Brasil, que apresentou uma

pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) com o objetivo de avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil. Mas, se pensarmos nesses dados no patamar mundial, os números só pioram.

Sabe-se que muitas mulheres são agredidas a partir de cinco tipos de violência, sendo elas: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Em nosso país há previsão legal para inibir tais casos, a partir da Lei Maria da Penha, sancionada em sete de agosto de 2006, a qual cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Porém, em outras regiões do mundo, a mulher não tem sequer tal recurso. Dessa forma, vejamos o que enuncia o artigo 2º. da Lei Maria da Penha:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (BRASIL, 2006)

Mas, apesar da previsão legal, a mera existência de uma lei não lhe assegura o cumprimento, ou seja, vigência não garante eficácia e, por isso, a mídia, nesses casos, ocupa um papel fundamental na sociedade. Para Marcia Perencin Tondato (2007), são três os atos de violência mais presentes no cotidiano das pessoas: a) o ato violento individual, ou seja, estupros, assassinatos em série, que seriam produtos de patologias e cuja a exploração pela mídia faz parte de um processo catártico; b) o ato violento social, exemplificado por sequestros e latrocínios, produto da busca pela igualdade, seja por aqueles que se sentem injustiçados em uma sociedade de consumo, seja pelo crime que se organiza paralelamente ao poder constituído; e c) o ato violento institucionalizado, do qual as guerras são o resultado da busca pelo poder político-econômico.

Ao tratar do contexto urbano das grandes cidades, o consumo dos meios de comunicação de massa, como jornais, revistas, rádio, televisão e *internet* caracterizam-se pela necessidade de informação sobre os ambientes social, econômico e político. Sabe-se que de todos os meios citados, hoje a *internet* possui uma influência maior, propagando a informação com mais velocidade e alcançando muitas pessoas.

Por isso, nosso objeto de estudo relaciona-se com a *internet*, bem como a mídia de massa, que nesse caso, são as capas de revistas. Trata-se da ONG (Organização não-

governamental) *Catapult*³ que atua com o objetivo de financiar fundos internacionais voltados para a igualdade entre os sexos e os direitos da mulher, e que, em 2014, produziu e divulgou em seu *site* uma campanha publicitária, voltada ao Dia Internacional da Mulher, constituída por três capas de revistas femininas fictícias distintas para, dessa forma, denunciar a violação dos direitos humanos contra meninas e mulheres do mundo todo. De acordo com *Catapult* (2020), por meio de suas ações, meninas e mulheres contaram suas próprias histórias e compartilharam seu trabalho com a comunidade global, sendo a ONG o suporte que elas precisavam para criar mudanças.

Catapult, em português “catapulta”, tem como significado histórico uma máquina de guerra, que se destinava a lançar, sobre o inimigo, pedras, dardos ou outros projeteis grandes; ou um aparelho, cujo o objetivo era dar o impulso inicial nos voos dos primeiros aviões. Portanto, é com o propósito de dar o primeiro passo para reflexões sobre a violência contra a mulher, que a ONG foi criada.

Fundada por Maz Kessler⁴, essa organização buscou discutir questões de justiça de gênero, mas de forma diferente do que as leitoras de revistas estão acostumadas. Após a publicação no *site* da *Catapult*, as três capas: “Boa escravocrata”, “Treze” e “Noiva criança” (tradução nossa) circularam pela *internet*, especialmente, nas redes sociais na forma de revistas digitais e abordaram assuntos como o trabalho infantil doméstico em condições análogas à escravidão, a prostituição na adolescência e os casamentos arranjados envolvendo menores. As capas de revistas não são verdadeiras, porém, tratam de problemas reais, e possuem o objetivo de impactar e chocar suas leitoras.

De acordo com *Catapult* (2020), cerca de 14 milhões de meninas, algumas com apenas oito anos de idade, casaram-se contra sua própria vontade. Estima-se que 1,2 milhões de crianças sejam traficadas para a escravidão por ano. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar a literatura contemporânea, por meio do livro *Sul* (2016) de

³ Para mais informações sobre a ONG *Catapult*, acesse: <http://catapult.org/>.

⁴ De acordo com *Catapult* (2020, tradução nossa), Maz Kessler é designer, artista e empreendedora em série, com raízes na indústria da música. Depois de mais de uma década como compositora e produtora de sucesso, Maz migrou para o Vale do Silício e o setor de tecnologia para trabalhar em interfaces de voz pioneiras para grandes clientes. Em 2006, Maz ingressou na Advocacy International como Diretor Criativo. Em 2012, ela havia se unido à Women Deliver para lançar a *Catapult*. Ela projetou e construiu a *Catapult* para canalizar sua paixão pelos direitos das meninas e das mulheres e para agir em prol da igualdade.

Veronica Stigger e das três capas fictícias de revistas produzidas pela *Catapult* (2014), com o propósito de verificar de que forma, nesse caso, a literatura e a comunicação contemporânea andam em conjunto e lançam, assim como uma “catapulta” questões interligadas, como a violência contra a mulher.

A linguagem do livro e das capas reflete o que Giorgio Agamben (2008) chama de “animalização do homem”, que por consenso da democracia moderna é caracterizada pela possibilidade de controle pelos meios de comunicação de massa e qualifica um governo por consentimento. Além disso, Stuart Hall (2016) propõe um circuito da cultura que pensa a maneira como uma imagem constrói significados, sendo capaz de funcionar como um sistema operacional. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos, sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais ou até mesmo objetos, para significar os indivíduos, os conceitos, as ideias e os sentimentos.

Então, por meio das teorias acima expostas, busca-se com o suporte literário de *Sul* (2016), analisar as três capas produzidas pela ONG, a partir de uma discussão sobre o papel da literatura e da comunicação contemporânea nos dias de hoje e a função de ambas numa sociedade caracterizada pelo terror.

A LITERATURA IMERSA À SOCIEDADE DO TERROR

O livro de Veronica Stigger é narrado a partir de uma versão que retrata o Sul geográfico e o Sul ideológico. Essa mistura foi delineada em meados de 2009, quando a autora foi convidada a participar da coletânea *Todas as Guerras*. Coube a Veronica a responsabilidade de abordar a Revolução Farroupilha através da literatura. Foi então, que ela criou o conto que se revela em uma realidade distópica “2035”, ambientado após um lapso de 200 anos do início dessa revolução.

Sul (2016) é dividido em quatro textos, o conto “2035”, a peça teatral “Mancha”, e dois poemas, intitulados *O coração dos homens* e *A verdade sobre “o coração dos homens”*, respectivamente. Durante todos os textos, a escritora lança ao leitor um movimento de sangue, que liga as narrativas por meio da violência.

Mas, neste artigo analisaremos apenas os textos que retratam casos de violência da sociedade contra a mulher e, por isso, somente os dois poemas e o conto. Nele, a personagem Constância, no dia em que completou 10 anos foi acordada por gritos de

seus pais quando oficiais do governo bateram na porta da casa da família com um objetivo: levar Constância. Por estar na expectativa de seu aniversário, a menina sonhava que a fada dos presentes chegasse e lhe presenteasse naquele dia. Os homens, ao verem a empolgação da menina, falaram-lhe que a levariam para as “comemorações”, que a garota interpretou como uma festa de aniversário. Porém, o texto acaba com a sua morte, através da dilaceração de seus membros, remontando um cenário de um ato sacrificial e, em contraponto, da pureza da criança. O conto, portanto, acaba com as seguintes palavras:

[...] Cada um dos oficiais amarrou uma das pernas ou um dos braços de Constância na sela de cada um dos cavalos. Constância sentiu o calor do sol no rosto, fechou os olhos e sorriu mais uma vez. Os quatro cavaleiros, ao som do primeiro disparo de canhão, comprimiram simultaneamente suas esporas contra as costelas dos cavalos que montavam, fazendo-os disparar. Cada um correu para um lado, levando consigo um dos membros de Constância e deixando um rastro vermelho sobre a grama verde. O tronco da menina pousou novamente sobre a grande almofada azul, na qual estavam bordadas, com um fio muito claro e vivo, pequenas estrelas brancas. (STIGGER, 2016, p. 27)

Segundo Agamben (2013), é possível observar uma relação quase inseparável entre o poder constituinte e a soberania, como se não existisse outro modo do poder constituinte no Estado a não ser a violência institucionalizada, via aparato institucional. Nesse conto, Stigger (2016) chama atenção para a concepção de nação dilacerada e utiliza como fio condutor da narrativa a relação entre linguagem e história. Imerso a uma realidade distópica apresenta um movimento no qual Constância passa por um sacrifício. Assim, “2035” refere-se a um território e uma nação que surgiu em meio a guerras e conflitos sangrentos. Aqui, a escritora chama a atenção do leitor para pensar a respeito da violência infantil, para significar uma condição que perpassa as gerações e nações.

A violência apresenta-se de maneira complexa e implica vários elementos, posições teóricas e variadas maneiras de solução ou eliminação. De acordo com Jayme Paviani (2016), as formas de violência são tão numerosas que se torna difícil elencá-las de modo satisfatório. Diversos profissionais, especialmente na mídia, manifestam-se sobre ela e oferecem alternativas de solução. “[...] A violência surge na sociedade

sempre de modo novo e ninguém consegue evitá-la por completo” (PAVIANI, 2016, p. 08).

Portanto, a violência pode ser problematizada de diversas maneiras, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época e são ilustradas pelas dificuldades semânticas do conceito. “Aí estão a realidade social e histórica do casamento da mulher que, às vezes, em determinada sociedade, é submetida a imposições que outra sociedade considera inadequadas” (PAVIANI, 2016, p. 08). Essas inequações foram vistas pelo filósofo Gilles Deleuze (1996) que se propôs a pensar conceitos não apenas como definições, mas como caminhos, processos e acessos para a composição do pensamento. Uma espécie de vincos, de braços abertos dentro da trajetória histórica que interrompem do fluxo da história e abrem novas possibilidades de articulação do pensamento.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe. [...] Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, e a erva daninha. Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. (DELEUZE, 1996, p. 15)

Outro aspecto de relevância nesse conto, que leva à violência, é o fato de Constância e sua família se encontrarem em situação de pobreza extrema. Georgina Martins (2013) propõe três categorias principais de pobreza comumente expostas na literatura: a orfandade, o abandono e a precariedade.

Entendemos essa última não só como uma consequência direta das outras duas, mas também como condição determinante da trajetória de personagens que, muito embora inseridas em contexto familiar, vivenciam uma experiência negativa de uma infância rejeitada e envergonhada. (MARTINS, 2013, p. 01)

O sacrifício ao qual Constância foi submetida é identificado como conflitos e tensões internas de uma sociedade, que se canalizam na violência. E essa ação, é ainda mais cruel quando o olhar inocente de uma criança, ou seja, de quem é sacrificado, carrega a doçura e a esperança de dias melhores para ela e sua família. Em *O coração dos homens*, o tema central é a menarca (primeira menstruação) e essa situação é tratada como uma transição na vida da narradora-personagem. Porém, tal situação acontece na

escola, durante a apresentação de uma peça-teatral, representando também o aparelho escolar como um dos mais discriminatórios da sociedade.

Na descrição feita por ela estão roupas, atitudes dos colegas, bem como o papel que cada um deles exercia na encenação de *A Branca de Neve e os sete anões*, inclusive o dela, a quem coube a função de ser o espelho da história. A jovem estava por detrás de uma moldura, que antes a mostraria em cena, mas de última hora a professora, colocou dentro da moldura, um espelho, que refletia a plateia. Então, ao menstruar, a menina se encontra posicionada atrás do espelho e ninguém percebe que ela havia menstruado. Disso, pode-se associar o uso do espelho como uma distração para a plateia que mesmo diante da primeira menstruação da garota não percebe nada, graças ao envolvimento com a própria imagem, buscando respostas semelhantes às que a madrasta e a rainha, da primeira versão de *A Branca de Neve*, gostariam de ouvir.

Ao descrever a menarca, a menina se mostra envergonhada de si mesma, sem saber o que realmente aconteceu, se tinha urinado, mesmo não lembrando se estava com vontade de ir ao banheiro, questiona-se sobre o fenômeno que tinha ocorrido com ela. “Comecei a exalar um cheiro diferente. Um cheiro desconhecido. Um cheiro de podridão. O mijo tem cheiro forte. O sangue tem um cheiro forte. Mas o cheiro de sangue não é como o cheiro de mijo” (STIGGER, 2016, p. 66).

Esse foi o momento da transição, de uma menina para uma mulher. Contudo, o sangue que marca a passagem, é segregado e violentado. Segundo Rosângela Silva (2016), que estuda Conceição Evaristo, a escrita de um corpo impuro silenciado é restringido ao espaço doméstico e íntimo, além de assuntos relacionados a sua especialidade, a exemplo da menstruação. Dessa forma, Stigger (2016) nos oferece um diálogo entre prefiguração do mundo e refiguração intermediada pela configuração literária, propiciando uma leitura de mundo estética e política.

Assim como Georges Bataille (1989) associa a infância a uma reflexão sobre a violência, Jacques Rancière (2012, p. 43) vê a literatura e o cinema como agentes, capazes de produzirem desastres de seu tempo e também a incapacidade de os prevenir. “[...] Por um lado, a imagem vale como potência desvinculadora, forma pura e puro *páthos* desfazendo a ordem clássica dos arranjos de ações ficcionais de uma ligação que compõe a figura de uma *história* comum” (RANCIÈRE, 2012, p. 42-43). Assim, de um

ângulo, é uma singularidade incomensurável, como a repressão de menstruar e, de outro, uma operação que se torna comum, a violência na infância.

No último texto do livro *Sul* (2016), a escritora lança um olhar para a mulher adulta. O poema chama-se *A verdade sobre “o coração dos homens”* e se propõe a revelar fatos sobre aquilo que, de certa forma, se apresentam, inicialmente, como “verdades”. No entanto, ao longo do poema, vão surgindo “novas verdades”, ou seja, são memórias entrelaçadas de imagens, como nos propõe Agamben (2012). Memórias que a personagem-narradora, vai revelando como situações inversas aos fatos apresentados em *O coração dos homens*. Ela desmente as “mentiras”, ao confirmar que participou de uma encenação de *A Branca de Neve e os sete anões*, mas que era a bruxa e não o espelho. Assim, ao revelar uma nova verdade nesse percurso, Veronica oferece um efeito contrário ao de esclarecer, buscando o real da ficção.

Mesmo com as “armadilhas” criadas pela autora, o tema central permanece sendo a menstruação. Porém, aqui, sob a ótica de uma narradora-personagem que “já não menstrua mais”. Ou seja, anteriormente, tratou-se do início da vida adulta da menina. Agora, o que está em jogo é como essa mulher é vista, sendo alguém que não ovula mais. A menopausa é considerada um “marco do envelhecimento feminino”. Então, como podemos analisar o percurso da garota que menstrua e, após uma passagem de tempo, já não menstrua mais? Stigger (2016) mostra a mulher, após essa passagem, como algo que “perdeu a validade”, ela é vista como um objeto de cunho sexual que gera um vazio ao leitor que, ao mesmo tempo, sente a frustração da narradora-personagem.

Assim, Hall (2016) nos propõe que a diferença carrega uma certa importância, considerada necessária e perigosa. Entre as diversas abordagens feitas pelo autor, uma delas chama mais a atenção. Trata-se da psicanalítica, que se relaciona ao papel da diferença em nossa vida psíquica. Fazendo referência a Freud, Hall (2016) consolida a identidade sexual do sujeito através da forma como somos constituídos, especialmente, em relação ao estágio de desenvolvimento inicial, que o criador da psicanálise chamou de complexo de Édipo, com base na mitologia grega.

Portanto, esse modelo de diferença sexual passa a ser assumido no início da infância e tem sido contestado por seu caráter especulativo. Por outro lado, ele foi

extremamente influente e alterado por outros psicanalistas, sendo o elemento em comum em todas as teorias com base no que Freud apresentou. “O elemento comum a todas essas diferentes versões de Freud é o papel que diferentes teóricos dão ao ‘Outro’ no desenvolvimento do sujeito” (HALL, 2016, p. 159). A subjetividade é formada a partir da percepção do *self* diante das relações simbólicas e inconscientes provenientes do outro. Então, até que ponto literatura (ficção) e comunicação (realidade) caminham juntas?

CATAPULT: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER POR MEIO DE CAPAS DE REVISTAS FICTÍCIAS

O tratamento dado pela mídia aos temas associados à violência, à criminalidade e a segurança pública se transformaram. De acordo com Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007), historicamente, as notícias relacionadas à violência faziam parte de um dos setores menos valorizados nos veículos de comunicação e a editoria quase sempre era delegada a profissionais menos experientes do que os de setores considerados “sérios”, como o da cobertura política. Porém, sabe-se que esse quadro tem se transformado.

Em muitos momentos, ao ler em revistas ou assistir aos noticiários, pessoas se questionam se um acontecimento não se parece mais com a ficção do que com a própria realidade. Portanto, a violência mostrada pela mídia, seja por meio de noticiários, novelas ou propagandas expõe uma ferida da sociedade. Um exemplo disso, é a campanha publicitária: Matéria de Capa – Este ano, vamos tornar os direitos das meninas e das mulheres mais do que apenas uma reportagem de capa (tradução nossa), na qual a *Catapult* usa da ideia de ficção, algo comum na literatura, mas sem descaracterizar a produção jornalística e, assim, apresenta a verdade de forma diferenciada e chama a atenção para o fato de que mulheres de diferentes idades e nacionalidades são agredidas a partir do físico, psicológico, moral, sexual e patrimonial.

Desse modo, a seguir analisaremos como as capas fictícias de revistas produzidas pela *Catapult* (2014) fazem uma releitura do estilo editorial daquelas tipicamente destinadas ao público feminino (ou seja, apresentando às leitoras dicas de moda, beleza, bem-estar, sexualidade, entre outros temas) e como, desse modo, tais capas se relacionam com a literatura contemporânea, por meio do livro de Stigger.

Dentre elas, a primeira a ser analisada é a “Boa escravocrata” (tradução nossa), compreendida como um guia para a manutenção e submissão de meninas ao trabalho infantil doméstico em condições análogas à escravidão. Em sua capa temos a foto de uma jovem realizando trabalhos domésticos, o que corrobora as afirmações acima, tal como os textos das chamadas de matérias apresentadas na linguagem do veículo de comunicação revista, as quais reafirmam as palavras de Silva (2016), quando enunciou que a escrita de um corpo silenciado é restringida ao espaço doméstico.

Figura 1 – “Boa escravocrata”⁵



Fonte: *Catapult* (2014)

Então, como expressões sobre esse corpo silenciado, analisaremos cada um dos textos presentes nessa capa. De início, o selo de destaque, localizado acima do logotipo da revista, ironiza a forma como as meninas escravas se comportam: “Escravas fazem o mais estúpido... Os pedidos de misericórdia que nos fazem rir” (tradução nossa), mas, se o fazem não seria porque a essa jovem foi/é/será privado o direito à educação?

Com uma linguagem mais comercial, temos: “Sem culpa! 50 RECEITAS QUE AMAMOS – tão fáceis que uma criança analfabeta pode fazê-las” (tradução nossa), evidencia a não ida delas à escola, vista como algo “natural” e, por isso, não justificaria qualquer sentimento de culpa. Em seguida, outra chamada de matéria ressalta a questão

⁵ Imagem disponível em: <http://catapult.org/coverstories/>.

da privação da liberdade, lembrando o fato de que a vida dos escravos do século XIX que sabiam ler e escrever, inevitavelmente, dependia de documentos e códigos de leitura e escrita: “Esconda esse PASSAPORTE onde ela nunca encontrará” (tradução nossa). Segundo Marialva Carlos Barbosa (2017), mesmo os escravos que não conheciam as letras impressas sabiam da sua importância.

Afinal, o que lhes concedia a liberdade era um papel repleto de inscrições: a carta de alforria concedia a liberdade pela escrita. Portanto, a aspiração máxima de todos estava inscrita num simples papel sobre o qual se adicionava letras: o letramento se igualava à liberdade. (BARBOSA, 2017, p. 161)

Se Barbosa (2017) ressalta que o papel escrito é o que daria a liberdade aos escravos, pode-se pensar que o ato de esconder o passaporte sugere uma escravidão contemporânea. Na escravidão negra, os escravos foram tirados a força de seus países de origem. Trazendo essa questão para o contexto dessa capa, o fato de a “senhora” esconder o passaporte dessa menina, significa que ela está escondendo o documento que concederia a liberdade pela escrita, pois ele impediria a escrava de retornar ao país de origem.

Essa a situação nos remete a questão da imigração ilegal e isso, justificaria, o fato dessa menina aceitar condições de trabalho análogas à escravidão por estar ilegal e não poder/querer/desejar um possível retorno ao seu país onde a vida poderia ser ainda pior.

A “Boa escravocrata” é aquela que sabe manter a escrava em seu jugo e não aquela revestida de bondade e, dessa forma, essa poderia se tratar de uma capa de revista dos séculos passados. Contudo, a *Catapult* buscou mostrar que esse problema permanece recorrente no mundo. O silêncio produzido em relação aos atos dos homens que viveram antes de nós e que tinham em nós a imagem de um futuro possível advém de muitas razões. O que as capas querem produzir é um som, através de frases e fotos que causam impacto. Assim, a partir de Brizuela (2014) é possível verificar que tal como o livro *Sul* (2016), a campanha criada pela ONG *Catapult* é também híbrida, pois textos, fotografias e ilustrações compartilham do mesmo espaço, a capa de uma revista.

A escravidão retratada nessa capa, por meio da linguagem imagética, tipográfica e escrita, é um trabalho forçado que envolve restrições à liberdade da trabalhadora, onde ou ela é obrigada a prestar serviços, sem receber pagamento ou nos casos em que

recebe, trata-se de uma quantia insuficiente para suas necessidades e em ambos os casos, as relações de trabalho estabelecidas não atendem à legislação trabalhista vigente. Dessa forma, segundo o Tribunal Superior do Trabalho:

As meninas [...] que realizam atividades domésticas são “trabalhadores invisíveis”, pois seu trabalho é realizado no interior de casas [...] e longe de suas famílias. Este grupo é provavelmente o mais vulnerável e explorado, bem como o mais difícil de proteger. O trabalho rouba a infância das crianças, impede o acesso à escola, [...] e abre espaço para outras violações, tais como o abuso psicológico e sexual. (TST, 2020)

Como exemplos disso, temos as seguintes chamadas de matérias: “PUNIÇÕES INOVADORAS que realmente funcionam!” (tradução nossa), o que evidencia o fato de a “senhora” ter a incumbência de disciplinar a escrava quando necessário e para isso, precisaria encontrar os meios eficazes para atingir tal objetivo e “35 DIAS para treinar a escrava PERFEITA – como chicoteá-la em forma, rápido” (tradução nossa), a qual ressalta o fato de que há uma urgência, por parte da “senhora”, de modo que a escrava desempenhe suas funções de forma produtiva e satisfatória, o quanto antes. Então, para acelerar esse processo, a “Boa escravocrata” deve aprender o modo mais eficaz de chicotear sua escrava, em forma e com intensidade, mas, sem demonstrar cansaço.

E, assim, vemos que a ficção dessa capa está no fato dela retratar uma realidade distópica em que o trabalho escravo é, novamente, uma prática lícita, a qual organiza o espaço doméstico numa hierarquia em que o homem (o marido, trabalha fora e atua como provedor) está no topo, no centro temos a mulher (do lar: fértil, mãe e responsável por supervisionar as tarefas domésticas) e na base temos uma escrava doméstica, como aquela da foto de capa (com a incumbência de realizar as tarefas domésticas).

Essa mulher viu sua vida mudar com a chegada de sua escrava como descreve a seguinte chamada de matéria: “Desde que eu tenho a minha escrava, é TEMPO PARA MIM todo o tempo! Uma história inspiradora de uma Senhora de escravos” (tradução nossa), portanto, a liberdade da mulher é decorrente da submissão da menina com o passaporte escondido, mas, o cenário é o oposto na perspectiva da escrava, “Continue... MENOS ESTRESSE! Porque a vida é muito curta para você fazer qualquer coisa” (tradução nossa), ou seja, conforme-se, pois não vale a pena lutar contra a escravidão.

Diante disso, tal como a personagem Constância do conto “2035”, a menina da capa de “Boa escravocrata” está imersa a uma realidade distópica e violenta. Se a

personagem de Stigger sonhava que a fada dos presentes chegaria e lhe presentearia no dia de seu aniversário, a menina sonhava com uma vida melhor em um novo país. No entanto, a primeira é esquetejada e a segunda torna-se uma escrava. Além disso, ela corre o risco iminente de ter um fim como o de Constância, haja vista que as punições impostas por sua “senhora” podem ser sádicas o bastante para, igualmente, parti-la em pedaços.

Por isso, tanto Veronica quanto Maz, chamam a nossa atenção por meio da violência, do absurdo, do trágico, daquilo que causa desconforto e indignação e, por isso, induzem seus leitores a pensarem sobre os casos de violência por elas descritos e as consequências sociais decorrentes de uma vida de pobreza extrema a partir do exemplo dessas meninas, uma condição que perpassa gerações e nações.

Hall (2016) verifica isso por meio da questão racial. Na Idade Média, a imagem que a Europa tinha da África era ambígua, como um lugar misterioso, visto de forma positiva já que a Igreja Copta era uma das mais antigas comunidades cristãs ultramarinas, com santos negros surgindo na iconografia cristã medieval como o lendário “Preste João” da Etiópia, que tinha a reputação de ser um dos mais leais defensores do cristianismo.

Assim, com o passar do tempo, essa imagem foi se alterando. Para Hall (2016), os africanos foram considerados os descendentes do personagem bíblico Cam, um dos filhos de Noé, e como ele fora condenado a servir seus irmãos, isso justificou a igual condenação dos negros à escravidão. Tal interpretação, nitidamente, permanece em evidência como podemos ver na segunda capa que iremos analisar.

Figura 2 – “Treze”⁶



Fonte: *Catapult* (2014)

Na revista intitulada “Treze” (tradução nossa), temos na capa uma menina negra rodeada por várias chamadas de matérias com temas que envolvem a exploração sexual de menores, tais como: “728+ páginas – composições sensuais de rua” (tradução nossa), pois, é comum as prostitutas buscarem clientes na rua e para atraírem os olhares é necessário um visual sensual ou “Quem precisa de uma infância, afinal?” (tradução nossa), que relativiza a grave situação pela qual passam essas garotas.

Mas, como explicado por Hall (2016), a presença de uma menina negra nessa capa é apenas uma das consequências da escravidão negra que promoveu uma convergência entre fatores como pobreza, prostituição e cor de pele. Essa menina, em sua expressão facial e corporal, demonstra já não ter a inocência de Constância, pois como a menina da capa anterior, igualmente, tem sua infância roubada por uma sociedade cruel.

Se em “Boa escravocrata” tínhamos como público-alvo as “senhoras” de escravas, até porque, dadas as condições adversas, essas mal sabiam ler. Em “Treze”, as próprias jovens prostitutas são as leitoras dessa revista, ou seja, entendemos que elas

⁶ Imagem disponível em: <http://catapult.org/coverstories/>.

sabem ler. Outra questão a ponderar é que nessa capa, a ficção não está no fato de tratar-se de uma realidade distópica, mas no fato de que nenhuma revista “real” teria a audácia de publicar uma capa com chamadas de matérias como as presentes em “Treze”.

Neste artigo, a exploração sexual de menores é compreendida como a ação de buscar lucro ou vantagem financeira por meio da prostituição de uma criança. Sobre esse tema, o art. 227, §4º, da Constituição Federal do Brasil dispõe que “a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente”. Contudo, apesar da previsão legal, essa capa faz referência a uma situação de impunidade, que é evidenciada pela presença de uma menina negra de 13 anos na foto de capa.

Tal idade nos remete ao poema *O coração dos homens*, em que temos o relato de uma menarca (primeira mensuração), por meio do qual vemos ocorrer o momento da transição de uma menina para uma mulher, simbolizado na capa de revista pelo número 13. Nesse texto literário, também, chama nossa atenção o fato da narradora-personagem ao menstruar, se encontrar posicionada detrás do espelho como descrito no item acima, o qual distrai a plateia enquanto ela menstrua. Então, a mesma vaidade que impediu as pessoas de verem o que ocorre diante dos olhos delas no poema, é o que as impede de ver os inúmeros casos de exploração sexual de menores.

Como parte dessa distração são exemplos de “espelhos” na atualidade, as revistas femininas reais que apresentam matérias rasas e, por vezes, fúteis e o exibicionismo típico das redes sociais. Enquanto isso, logo após a menarca inúmeras meninas podem ser recrutadas para uma vida na prostituição. Porém, como essa campanha circula no espaço digital, especialmente, por tais redes, substitui-se o espelho pela realidade. Por isso, reafirmamos que o sangue da menstruação é segregado e violentado, conforme as seguintes chamadas de matérias irão demonstrar com mais profundidade.

Por exemplo, em “Como correr de salto – 6 dicas de moda que podem salvar sua vida” (tradução nossa), temos a evidência de que o principal ponto de prostituição é a rua e, conseqüentemente, essas jovens estão expostas a situações adversas e para enfrentá-las será necessário aprender a correr de salto entre outras habilidades que possam salvar suas vidas, seja de um cliente violento ou de uma batida policial, ou

mesmo numa briga entre prostitutas. Enquanto, em “Esconda esses hematomas com 35 truques fáceis de maquiagem” (tradução nossa), vemos que nem sempre é possível sair ileso dos perigos e violências a que elas estão expostas na rua, por isso, após uma briga ou um estupro será necessário a utilização de truques de maquiagem para atenuar os hematomas para que eles não prejudiquem a obtenção de renda nos próximos dias de trabalho, até porque se não faturarem, o cafetão é quem será a origem da violência.

Dessa forma, Maz nos propicia uma leitura possível sobre um mundo dividido entre a estética (moda e maquiagem) e a política (legislação, incapaz de a proibir a prostituição). As chamadas acima expõem como meninas são exploradas, agredidas e ainda como caso elas reclamem, serão vítimas de outros atos de violência. Contudo, invariavelmente, é possível ver que ao contrário das normas jurídicas, os dogmas cristãos têm eficácia e, por isso, elas sentem culpa, pois a religião rege a construção subjetiva do bem e do mal, e isso marginaliza o sujeito que descumpra as leis da Igreja.

Antônio Houaiss entende o conceito de culpa como “falta, delito; fato de que resulta outro fato ruim” (2010, p. 213). Enquanto, o legislador no Código Civil de 2002 explica, no artigo 186: “aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito” (BRASIL, 2002). Dessa forma, a culpa sentida por essas jovens é decorrente do ato ilícito daqueles que as mantêm sobre o jugo da prostituição. Sobre os atos de violência contra a mulher, vejamos o artigo 3º. da Lei Maria da Penha:

Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2006)

Mais uma vez, não é uma questão de falta de previsão legal, mas do simples fato das leis não terem eficácia. Um dos fatores que dificultam o acesso das mulheres a esses direitos assegurados é a questão do tráfico de pessoas, um mecanismo sofisticado que mescla a imigração ilegal com o passado da escravidão negra no Brasil. No âmbito da imigração ilegal, oportunistas vendem o sonho de uma vida melhor para essas jovens que acreditam e embarcam com destino, por exemplo, aos Estados Unidos, mas quando chegam lá não possuem visto, documentação, dinheiro para a subsistência e sequer falam a língua local e, então, não lhes resta opção senão a de submeterem a prostituição.

É nesse aspecto que o tráfico de mulheres se assemelha ao passado da escravidão negra no Brasil, mas se antes as africanas foram trazidas à força para o nosso país, hoje as brasileiras são uns dos maiores alvos dessa espécie de escravidão contemporânea que atravessa fronteiras. Carvalho (2019), em reportagem para a Globo News, relata o caso de uma brasileira levada aos Estados Unidos, vítima do tráfico de pessoas:

A realidade de Luana representa a de 40 milhões de vítimas ao redor do mundo. Vítimas de um crime que as Nações Unidas classificam como um dos maiores desafios do século 21: o tráfico de pessoas. As duas finalidades mais comuns para este tipo de tráfico são a exploração sexual e a do trabalho. O problema é tão grave e as vítimas submetidas a práticas tão violentas que o crime é frequentemente chamado de escravidão contemporânea, conforme explica Katie Ford, fundadora da ONG Freedom For All. (CARVALHO, 2019)

Portanto, a capa de “Treze” retrata uma realidade que transcende as fronteiras nacionais e um tipo de violência que ocorre desde a infância, mas se intensifica após a primeira menstruação conforme descreve a seguinte chamada de matéria: “Namorado ou cafetão? Os sinais reveladores de que ele está vendendo você por sexo” (tradução nossa). Como Constância, essas jovens carregam a doçura e a esperança de dias melhores para elas e suas famílias, mas o que encontram são, respectivamente, a morte e a prostituição. Por isso, incluímos no rol de Rancière (2012), a revista junto a literatura e o cinema como agentes incapazes de prevenirem os desastres de seu tempo, mas capazes de exporem a faceta mais cruel de uma sociedade opressora *per se*.

De acordo com os dados do Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas, realizado pelo UNODC⁷ (2017) no ano de 2016, dentre a totalidade de pessoas traficadas, cerca de 71% são mulheres e meninas, sendo que a maioria detectada para a exploração sexual. Os fatores dominantes das vítimas mais propensas ao tráfico estão relacionados com a fraca educação, péssima qualidade de vida e uma renda inferior a própria sobrevivência.

De acordo com Gilberto Freire (2005), no final do século XIX iniciou-se o tráfico de mulheres brancas, trazidas da Europa para as Américas, com a intensão de explorá-las sexualmente. Ressalta-se que o tráfico de mulheres sempre esteve e continua atrelado a exploração sexual para a obtenção de lucro. Portanto, chocar o mundo com a

⁷ Escritório das Nações Unidas Contra o Crime e Drogas (UNODC).

realidade vivida por muitas mulheres ao redor do mundo foi a melhor maneira que Maz encontrou para homenagear as mulheres no dia 8 de março de 2014.

Assim, a chamada de matéria, “O A a Z da ‘pista’, nosso guia essencial para a vida no inferno” (tradução nossa), retoma a ideia de guia vista em “Boa escravocrata”, no entanto, aqui temos um roteiro de como sobreviver num mundo hostil, que tanto funciona no sentido de auxiliar em todas as situações que elas enfrentarão em decorrência da prostituição, bem como evidencia que nesta profissão elas estão na pista, a disposição ou prontas para o sexo, pista também refere-se a rua onde ocorrem os rachas, os crimes e todo tipo de violência, lugar onde elas encontrarão com clientes do A ao Z, o que reverbera a apropriação sexual e a humilhação daquelas que passam por essa situação.

Em “Oh meu Deus! As chocantes histórias da vida real que você não vai acreditar e a Polícia também não” (tradução nossa). “Oh meu Deus!” é uma expressão utilizada em casos de surpresa ou espanto, uma referência ao fato de que se ouvíssemos as histórias de vida dessas mulheres não iríamos acreditar no que elas têm a dizer. No entanto, no caso da Polícia, isso se refere menos ao conteúdo das histórias e mais em relação a origem das mesmas, ou seja, a prostituta não é uma fonte confiável, pois não segue os dogmas cristãos e, dessa forma, se por acaso elas estiverem falando a verdade, pedindo ajuda, denunciando um caso de violência (física, sexual, moral, patrimonial e outras), elas são consideradas como dignas de tais punições, apenas uma retribuição por serem prostitutas.

No entanto, em “Sobreviva! Sim, existe vida após a vida” (tradução nossa), temos a afirmação de que existiria uma vida (nova) após a vida (prostituição) e, por isso, seria preciso reunir forças para sobreviver às adversidades intrínsecas a essa profissão. Tal como a narradora-personagem dos poemas de Stigger, as prostitutas têm “um prazo de validade”, pois devido ao envelhecimento (não são tão atraentes e lucrativas quanto antes) e, dessa forma, existe a possibilidade de elas retomarem para si a própria liberdade, mas somente após décadas de trabalho nas ruas.

A terceira e última peça da campanha em análise é a capa da revista fictícia “Noiva criança” (tradução nossa), que em seu canto superior direito, expõe a seguinte frase “uma das principais violações de direitos humanos do mundo” (tradução nossa).

Além disso, vemos um selo que a descreve como a “edição Iêmen” (tradução nossa) dessa revista, o qual nos faz presumir que o tema em debate seja ainda mais grave nessa região do mundo, quais sejam, o tráfico de pessoas e o casamento entre adultos e crianças.

A partir da campanha concebida pela *Catapult*, vemos que a violência pode ser problematizada de diversas maneiras, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época. Retomando Paviani (2016), fica evidente que a capa de “Noiva criança” expõe a realidade de uma sociedade em que meninas e mulheres são submetidas a imposições que outras sociedades consideram inadequadas. A realidade social e a histórica da união entre homens e mulheres remonta ao Direito Romano em que era possível o casamento por usucapião, o qual se consumava automaticamente pelo convívio mútuo após transcorrer um período de tempo previsto em lei. Ainda hoje, até atingirem a maioridade, as jovens mulheres estão juridicamente ligadas ao poder familiar, exercido por seus pais.

Nesse contexto, o casamento ainda configura uma das possíveis formas de uma mulher atingir a maioridade civil e isso porque após essa cerimônia, juridicamente, a menina se transforma em mulher aos olhos do grupo social em que ela está inserida, tal como ela torna-se uma mulher, em termos biológicos, após sua menarca. Assim, em lugares como no Iêmen as meninas fazem essa transição, jurídica e biológica, muito cedo devido as tradições culturais e como nos casos das capas anteriores, isso implica num fim abrupto da infância, pois do casamento implicam obrigações como gerar filhos e ser a responsável pela organização de um lar.

Em “Noiva criança” o público-alvo da revista são as próprias noivas, ainda que menores de idade e, por isso, presumimos que elas são alfabetizadas e sabem ler. Nesse caso, mais uma vez, a ficção está no fato de tratar-se de um tema delicado e polêmico, o qual uma revista de noivas real escolheria deixar-lo detrás do “espelho”, enquanto ela colocaria na capa todos os clichês possíveis sobre um casamento perfeito.

Assim, ao longo dos poemas de Stigger e das três capas fictícias vão surgindo “novas verdades”, ou seja, memórias entrelaçadas de imagens, as quais no caso dessas capas são baseadas em depoimentos das mulheres que a ONG *Catapult* ajudou. No caso

em estudo, tanto a literatura quanto a mídia nos oferecem um efeito contrário ao de esclarecer, buscando o real da ficção por meio de relatos provenientes da vida real.

Enquanto, as esposas estão restritas ao espaço da casa, mais especificamente, ao espaço doméstico, a seus maridos pertence o espaço da rua, onde eles podem ter relações sexuais com as prostitutas ou até mesmo com as próprias escravas domésticas, que estariam num papel intermediário entre o da prostituta e o da esposa, apesar de não haver qualquer referência disso em “Boa escravocrata”. Invariavelmente, ele busca fora do casamento por uma mulher mais jovem e tendo essa realidade como perspectiva, algumas sociedades como a do Iêmen legitimam tanto no campo jurídico quanto religioso a possibilidade de um homem acumular esposas num processo em que ele pode facilmente substituir as que “perderem a validade” por outras mais jovens e sedutoras.

Figura 3 – “Noiva criança”⁸



Fonte: *Catapult* (2014)

Por muitos séculos, a infância foi considerada uma parte insignificante da vida das pessoas. Projetava-se na criança um adulto, fazendo desse período de sua vida uma dialética de como se tornar um adulto, seja a partir do comportamento, da vestimenta ou

⁸ Imagem disponível em: <http://catapult.org/coverstories/>.

dos hábitos. Com o surgimento das escolas, criou-se um espaço de socialização do público infantil e, a partir disso, dedicou-se uma atenção especial a essa fase da vida. Porém, mesmo assim, a função da criança, muitas vezes, não é lembrada e, como descreve a revista no canto inferior direito, “o dia em que os seus sonhos terminam” (tradução nossa) chega para muitas meninas, qual seja, o de seu casamento, uma inversão de valores, pois essa data na cultura cristã-ocidental é vista como a realização de um sonho.

Dessa forma, as três capas fictícias subvertem a compreensão do senso comum sobre o papel das revistas femininas na sociedade contemporânea, ao ponto de ser possível perceber como essas publicações podem ser nocivas para as mulheres, seja estimulando a submissão delas ou mascarando sua real condição na sociedade.

Como exemplo disso, temos um texto que chama a atenção das leitoras para a grande quantidade de histórias que acabam em estupros e outros tipos de violência: “Histórias de pedidos de casamento. 583 contos de estupro, ataques de ácido, sequestros” (tradução nossa), um número que faz clara referência ao do Iêmen ser considerado o 8º país mais perigoso do mundo para as mulheres, de acordo com a Forbes Brasil (2018).

As redes internacionais de tráfico humano atuam no Iêmen, sendo a pobreza o fator principal para desencadear esse tipo de atividade, na qual as vítimas mais vulneráveis são as mulheres, posteriormente, exploradas sexualmente. Outra grave situação é a enfrentada pelas que emigram, como é o caso das etíopes e somalianas, que fogem da pobreza e da violência dos seus países de origem.

Quanto aos casamentos, eles são realizados com meninas muito jovens, como descreve esta chamada: “Deslumbrantes vestidos de noiva agora para as idades entre 7 a 12 anos” (tradução nossa), ou seja, devido a demanda de casamentos envolvendo crianças, o mercado de vestidos de noivas do Iêmen passa a oferecer modelos deslumbrantes para que meninas com as referidas idades, os utilizem num evento o qual elas desejam esquecer, como enuncia a chamada: “O casamento – Você nunca esquecerá, mas desejaria poder” (tradução nossa), referindo-se ao fato de que a cerimônia não representa um ato de amor mútuo, mas a concretização de um negócio.

Inclusive, elas casam porque foram vendidas para homens mais velhos, como descreve a seguinte chamada: “Ele tem quantos anos? 60? 70? E outras perguntas a não serem feitas” (tradução nossa), pois ao fazerem perguntas, elas podem descobrir que após o casamento forçado, elas serão submetidas a uma gravidez indesejada, invariavelmente, fruto de estupros e abusos sexuais como revela a próxima chamada: “Segredos do exercício, você precisa estar em forma para dar à luz aos 14!” (tradução nossa). Portanto, haja vista a recorrência de casos, a revista recomenda que as noivas se preparem para o destino que o seu país e a sua cultura lhes impõem, ou seja, dar à luz aos 14 anos.

Assim, em 2014, a *Catapult* usou a campanha em análise para ceder espaço, mesmo que em capas de revistas femininas fictícias, para os vários tipos de violência aos quais as mulheres desde a infância são submetidas e, com isso, inverter o enfoque, tradicionalmente, dado pela mídia ao Dia da Mulher, o qual resume-se a apresentação de histórias de mulheres inspiradoras em matérias de capa em revistas femininas reais.

O mundo organiza-se a partir do gênero, um contexto no qual são construídas as relações raciais, de classe, de geração, entre outras através da história. Para Cecília Sardenberg “[...] esse corpo está submetido a uma leitura culturalmente específica e, assim, classificado de acordo com demarcações sociais existentes” (2002, p. 57).

A mídia é um espaço de divulgação e formação de sentidos e de representações hegemônicas. Conforme reforçado nos tópicos anteriores, a desigualdade entre os gêneros ao longo da história da sociedade se reflete nos meios de comunicação, os quais exercem influência nas questões relativas ao imaginário cultural. Atualmente, mulheres são retratadas, com mais frequência. Como vimos nas capas de revistas fictícias da *Catapult*, as revistas digitais têm ganhado relevância no âmbito da imprensa por meio da *internet*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revistas fictícias, porém, o conteúdo é real e atual. Até que ponto a comunicação, por meio da mídia e a literatura se aproximam? Essa é a pergunta que buscamos responder ao longo desse artigo. Se pensarmos na forma como Stigger (2016)

traz a morte de Constância e como a *Catapult* apresenta meninas em capas de revistas, isso reflete o olhar de uma sociedade abusiva, com órgãos de controle que não dispõem de suportes para amparar as mulheres. A narradora-personagem dos poemas de Stigger (2016), que menstrua no âmbito de um dos aparelhos mais reguladores e violentos da sociedade: a escola, e o fato de ter que esconder a menstruação como um suposto crime ou uma possível ridicularização por parte de seus colegas, faz com que a opressão descrita na literatura se apresente na realidade, a partir de dados mostrados pela *Catapult* em suas capas, como é o caso de “Noiva criança”, em que meninas e mulheres do Iêmen são traficadas, vendidas e abusadas sexualmente.

Agamben (2013), ao se referir a “animalização do homem” afirma que a nossa cultura é definitivamente marcada pela distinção entre o homem e o animal. A visão de mundo, a escolha da escala hierárquica de valores convenientes a si próprio, o princípio da dignidade da pessoa humana, partem do pressuposto que o homem tenha superado a sua ancestralidade animal. Uma prova disso são iniciativas como a da *Catapult*, devido a perspicácia de expor fatos, os quais as sociedades parecem ignorar. Ou seja, enquanto as capas ressaltam o lado animalesco da humanidade, a iniciativa de criá-las reforça a ideia de que ainda há esperança na reversão das situações apresentadas. Como no livro *Sul* (2016), tais capas de revistas também proporcionam uma realidade dentro da ficção.

Buscando responder como a mídia e a literatura se aproximam, talvez uma hipótese seja de que a sociedade, da qual a literatura contemporânea busca sua essência, está manchada de sangue e repleta pela violência de todos os tipos e aqui, evidenciamos a violência contra a mulher. Isso decorre por conta de os meios de comunicação apresentarem, diariamente produções jornalísticas e a literatura embebedar-se do cotidiano e da História para a criação de seus textos. Mídia e literatura têm uma ligação que vem de séculos, porém, o que mudou? As pessoas mudaram. Ou será que os escravocratas do passado sentiriam remorso caso lessem a “Boa escravocrata”? O que resta a um mundo violento, senão retratar a própria violência?

Outra questão que cresce ao longo dessas discussões é: quem faria a leitura de tais revistas? Sabemos que este é um meio de comunicação segmentado, como é o caso de publicações voltadas a faixas etárias e gêneros distintos, como é o caso de revistas especializadas em adolescentes, saúde, política, ciência e outras. Na primeira capa, a

linguagem utilizada conversa com as donas de escravas. Estas, que se libertaram de suas funções domésticas, ao custo do aprisionamento de outras mulheres, pela aquisição de uma “escrava de estimação”. Já na segunda capa, o público são as próprias mulheres vítimas de abuso e exploração sexual, mais especificamente, aquelas que vivem a adolescência. Por fim, na terceira e última capa, a revista tem como leitoras as noivas, mas, mas apenas aquelas que se casam forçadas e muito jovens.

Como já dito, Maz propõe capas fictícias que chocam não pela criatividade, mas por suas fotos e textos das chamadas de matérias baseadas em relatos de mulheres reais que, normalmente, não tem suas histórias apresentadas em capas de revistas, especialmente, no Dia da Mulher, e nem sequer, em muitos casos, têm acesso a leitura de uma revista. Assim, a comunicação, aqui representada por capas de revista e a literatura encontram um ponto em comum em meio a ficção e também na realidade, buscando ressaltar um problema social: a violência em uma sociedade do terror. Invariavelmente, revistas que possuem mulheres como público-alvo, tentam oferecer uma leitura leve com informação e lazer, no entanto, a *Catapult* transforma esse momento de fuga da realidade num tempo de reflexão.

REFERÊNCIAS

10 países mais perigosos do mundo para as mulheres. **Forbes Brasil**, São Paulo, 26 de jun. de 2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/06/10-paises-mais-perigosos-do-mundo-para-as-mulheres/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Ninfas**. Tradução de Renato Ambrosio. São Paulo: Hedra, 2012.

BARBOSA, Marialva Carlos. Modos de comunicação e práticas de leitura dos escravos do século XIX. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 14, n. 39, p. 152-171, 2017. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/0000-0001-8875-7128/pdf>. Acesso em 06 mai. 2020.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BRASIL. **Código Civil**. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Art. 186. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm/. Acesso em: 10 mai. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Art. 2º. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 10 mai. 2020.

BRIZUELA, Natalia. **Depois da fotografia**: uma literatura fora de si. 1º edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

DELEUZE, Gilles. GUITTARI, Felix. **Mil platôs**. Tradução de Aurélio Guerra Neto. 5. Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

CARVALHO, Candice. Vítima de tráfico de pessoas, brasileira conta como escapou de cárcere privado nos EUA. **Globo News**, Nova Iorque, 13 de nov. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/13/vitima-de-traffic-de-pessoas-brasileira-conta-como-escapou-de-carcere-privado-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2020.

CATAPULT. **Action for equality**. Disponível em: <http://www.catapult.org/>. 2020. Acesso em: 10 mai. 2020.

_____. **Cover stories**. Disponível em: <https://catapult.org/coverstories/>. 2014. Acesso em: 10 mai. 2020.

FRANCO, Luiza. Violência contra a mulher: novos dados mostram que ‘não há lugar seguro no Brasil’. **BBC News Brasil**, São Paulo, 26 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>. Acesso em: 10 mai. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. Ed. rev. São Paulo: Global, 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MARTINS, Georgina. Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília. n. 41, p. 119-148, jan./jun. 2013. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9878/8724>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Quase um terço do total de vítimas de tráfico de pessoas no mundo são crianças, segundo informações do Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas 2016. **Escritório das Nações Unidas Contra o Crime e Drogas – UNODC**, Brasília, 17 de mar. de 2017. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2017/03/quase-um-terco-do-total-de-vitimas-de-trafico-de-pessoas-no-mundo-sao-criancas-segundo-informacoes-do-relatorio-global-sobre-trafico-de-pessoas.html>. Acesso em: 07 mai. 2020.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. p. 08-20. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em: 19 abr. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução de Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora UPERJ, 2007.

SARDENBERG, Cecília. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA, Ana Alice. SARDENBERG, Cecília. (org.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002, p. 89-120.

SILVA, Rosângela Lopes. Corpos vigiados, assuntos segregados: a representação da menstruação em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**. Brasília, nº 6, p. 1018-1036, 2016.

TONDATO, Marcia Perencin. Violência na mídia ou violência na sociedade? A leitura da violência na mídia. **Revista Famecos**, n. 32. Porto Alegre, p. 126-133, abr. 2007.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3425/2687>. Acesso em 10 mai. 2020.

Trabalho infantil doméstico. **Tribunal Superior do Trabalho – TST**, 2020. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/web/combatetrabalho infantil/trabalho-infantil-domestico>. Acesso em: 18 jun. 2020.

Recebido em 15 de maio de 2020

Aprovado em 07 de julho de 2020